

MONTEIRO, Léa Ziggiatti. Este museu conta a história da odontologia no Brasil. Correio Popular, Campinas, 17 maio 1981.

ESTE MUSEU CONTA A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA NO BRASIL

Léa
Ziggiatti
Monteiro

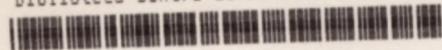
Fotos
Ubirajara

Depois de vinte anos de jornal, acompanhando minha cidade semana a semana, nas ininterruptas crônicas de domingo, a certeza de que ela será sempre assim, com a capacidade de renovar-se a cada instante, de mostrar uma faceta nova, uma originalidade a mais, de conseguir exibir um assunto a mais dentro do seu processo de crescimento cultural ininterrupto.

Foi por acaso que soube da experiência do doutor Nelson de Souza Barros. Foi dona Lourdes quem falou, falando da falta de tempo do marido: — Também, ele está sempre às voltas com o material que chega para o Museu". Reporter é isso mesmo. Vive sempre a farejar um assunto, ainda mais que o domingo está aí e sete dias é muito pouco para se encontrar matéria para uma página. Mas pensei num museu modesto, com umas poucas peças resumidas numa mesa de vitrina. Mas a surpresa estava ali, na pequena sala da Associação dos Cirurgiões Dentistas de Campinas, numa movimentada galeria da avenida Francisco Glicério. Mais de duzentas peças antigas de odontologia, dando todo o testemunho de uma época em que os materiais rudimentares faziam do consultório dentário, uma verdadeira câmara de tortura. Ali se reúnem não



Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030826

só peças usadas nos consultórios, mas também todo o instrumental e os inúmeros materiais usados na prótese dentária, mostrando toda a curiosidade que envolve o processo evolutivo da confecção de dentaduras. Apaixonado pela sua idéia, o dr. Nelson conseguiu a doação da maioria das peças dos próprios colegas de Campinas, mas mantém correspondência com várias cidades e centros odontológicos do Brasil, pesquisando peças e procurando opiniões. Foi assim que descobriu que o Museu é talvez o único do Brasil, embora haja um projeto semelhante na cidade de Piracicaba e a intenção de se formar um em Belo Horizonte. E' sempre um desafio para o doutor Nelson saber que existe uma peça antiga, muitas vezes jogada num velho porão, e que não esteja a caminho do museu. Nesses casos, todos os recursos são válidos e ele sempre acaba convencendo o colega reticente a doar a peça para o acervo. Embora a sala da ACDC não seja muito grande, o bom gosto na disposição, uma certa lógica na distribuição dos elementos, faz com que o estudante ou visitante interessado encontre elementos para formar a sua idéia da evolução tecnológica da odontologia através de, pelo menos, nos últimos cem anos.

Ao lado do Museu, o dr. Nelson de Souza Barros pretende organizar uma biblioteca especializada para que se torne ainda mais eficiente a pesquisa e o estudo.



MONTEIRO, Lãa Ziggiatti. Este museu conta a história da odontologia no Brasil. Correio Popular, Campinas, 17 maio 1981.

Uma cadeira típica dos gabinetes dentários de antigamente, em que o aspecto estético superava a comodidade. A cuspeira redonda e o motor de pedal significavam o máximo em matéria de avanço tecnológico. O acento e os braços revestidos de veludo vermelho eram o máximo do requinte.



Uma gratidão muito grande para os doadores de todos esses objetos. Muitos deles chegam ao museu totalmente enferrujados e sujos. Depois de recuperados, vão fazer parte das vitrinas, com as explicações essenciais. Na foto, um aparelho para abrir bocas recalcitrantes, um martelo para fixar incrustações a ouro e uma coleção completa de aparelhos de "tortura".

O dr. Nelson de Souza Barros foi o idealizador do Museu que faz de Campinas a primeira cidade a preservar a memória odontológica no país.



No setor de prótese dentária, os modeladores mais antiquados de dentes artificiais, coroas de ouro ou platina. Nos mostruários de dentes, uma gama impressionante de cores de dentes e de gengivas.



Dando a nota pitoresca ao museu, a presença humorística das caricaturas que eram uma constante nas revistas da época. O dr. Nelson possui uma quantidade enorme de piadas ilustradas que ele mandou ampliar para fazer parte, de forma mais amena, da informação histórica.

Uma verdadeira câmara de torturas

Da análise do material exposto no pequeno Museu, depreende-se logo que a vida do cliente àquela época não deveria ser das mais agradáveis. Talvez venha daí a quantidade enorme de caricaturas e "charges" cômicas, acabando com a profissão de dentista e apresentando-o como um verdadeiro carasco dos anos trinta. Na coleção do museu campineiro, uma gama enorme de botiões e até mesmo um todinho folhado a ouro e que pertenceu ao avô de Euclides Martins. Mesmo dourado, deve ter feito o pavor de muitos clientes há cento e dez anos atrás, quando foi comprado no Rio de Janeiro, para depois viajar para Portugal, tendo finalmente voltado a Campinas. No acervo, uma das peças de maior valor histórico talvez seja uma chave de Garanfeot, de 1740 e que era usada na extração de dentes, antes de descoberta a anestesia. Embora visualmente muito bonitinha, a cadeirinha branca de ferro e acolchoada de veludo vermelho, é um tanto discômoda. Ainda mais quando ladeada por um apavorante motor movido a pedal. As cuspideiras dentro do acervo constituem um capítulo à parte, das mais variadas formas e materiais, procurando dirimir, pelo seu aspecto estético, externo as suas reais

finalidades. Aliás, o dr. Nelson procura suavizar a aridez de um museu essencialmente técnico com algumas informações humorísticas, como o anúncio exibido a jovem elegante ao lado da cuspideira "moderna", a apregoar os seus méritos:

"Cuspideira de fonte ao lado -

Nada de encanamentos dispendiosos. Nada de cuspideiras dispendiosas e caras.

Apenas 300\$000 para ornar o seu gabinete da mais linda cuspideira".

A história completa da prótese dentária

Nesse particular, o Museu está bastante bem servido. Um grande número de "vulcanizadores", que faziam dentaduras de vulcanite. Amostras de dentes de todas as cores e formatos, até mesmo as mais estranhas; desde o branco "branquíssimo" até o cinzento carregado. Formas de madeira, galvanizadores, maçaricos de todos os tipos, peças de todos os tamanhos que serviam de modeladores. Fazendo parte do acervo, toda a colaboração foi bem recebida e até mesmo diplomas originais como o de Manuel Moscoso de Jesus formado pela Escola de Odontologia da Bahia, em 1922. E quadros de formaturas antigos. E uma coleção de caricaturas, evidenciando o horror que significava na época, uma cadeira de dentista.